

Rosa BIZARRO, Maria Alfredo MOREIRA, Cristina FLORES. *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*
Lisboa: LIDEL, 2013. 194p.
ISBN-978-972-757-928-0

Isabel Margarida Duarte

iduarte@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

A edição do livro em apreço, incluído numa coleção com vários outros já publicados ou em publicação (*Ensino e Aprendizagem do Português para Falantes de Outras Línguas*), coleção dirigida por Maria José Grosso (autora da *Nota Prévia*), foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e constitui uma boa notícia para todos os que se interessam pelo ensino do Português Língua Não Materna. O livro está dividido em duas grandes partes: uma primeira mais teórica, sobre PLNМ e Bilinguismo, composta por cinco capítulos e um comentário; e uma segunda constituída por sete capítulos e um comentário, sobre Educação Bilingue e Formação de Professores.

As organizadoras do volume, que são também autoras da Introdução e de textos, são conhecidas docentes e investigadoras na área da formação de professores de língua estrangeira, tendo, portanto, uma ampla visão do tema genérico do volume. No caso de Rosa Bizarro e Cristina Flores, acresce que têm ainda longa experiência e investigação na área concreta do PLNМ. Os restantes autores são também nomes incontornáveis nas áreas ou do PLNМ ou da formação de professores, ou mesmo de ambos. Entre as páginas 9 e 12 do volume, há uma breve apresentação dos autores que confirma a anterior afirmação. O livro contém ainda vários Índices, além do geral: de Quadros, de Tabelas, de Gráficos. Inclui também uma lista de Abreviaturas e Siglas Utilizadas.

Na Introdução (pp. 17 a 22), as organizadoras do volume traçam o contexto em que ele surge, referindo, entre outros aspetos, o facto de Portugal se ter tornado um país de imigração, o que coloca novos desafios aos professores que recebem alunos cuja língua materna não é o português. Integram a organização e publicação deste livro na preocupação de cruzar várias experiências de ensino universitário, de investigação e de participação em projetos europeus, com a realização de um colóquio subordinado ao tema *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*, realização das Universidades do Porto e do Minho.

Começo por referir-me à I Parte, cujos contributos são comentados, entre as páginas 93 e 95, por Perpétua Gonçalves, da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique. Esta linguista chama a atenção para a importância da investigação

e da discussão suscitada pelos artigos comentados, uma vez que se ocupam de questões complexas e não consensuais, mas consideradas pela autora como muito estimulantes. Faz algumas sugestões, entre elas a de eventuais futuros cruzamento de dados entre estes estudos e outros já realizados noutros contextos. Os textos desta I Parte ocupam-se, sobretudo, de questões que importam ao sucesso da aprendizagem linguística do PLNM.

Maria Helena Araújo Carreira, Professora da Université de Paris 8 – Vincennes, Saint Denis, no I capítulo, “Algumas Especificidades da Língua Portuguesa do Ponto de Vista do Ensino do Português Língua Segunda e Língua estrangeira: Problematização” (pp. 25-33), identifica, tendo em conta a sua longa experiência neste campo, algumas áreas críticas do ensino do PLNM, partindo da problematização dos diferentes perfis sociolinguísticos e culturais dos estudantes. Como será depois dito, ao longo do livro, por outros autores, a autora sublinha a ideia de que “as classificações L2 e LE cobrem situações sociolinguísticas e de aprendizagem altamente heterogéneas” (p. 27), sendo, portanto, redutoras e pouco adequadas. Maria Helna Carreira propõe que as particularidades linguísticas do português sejam “perspetivadas em função dos perfis sociolinguísticos dos aprendentes” (p. 32).

Cristina Flores, no segundo capítulo (“Português Língua Não Materna: Discutindo Conceitos de uma Perspetiva Linguística”, entre as páginas 35 e 46), enriquece a habitual tipologia dentro do PLNM, acrescentando, à designação de Língua segunda e de Língua estrangeira, o conceito de língua de herança, a que só muito recentemente se tem dado atenção, no caso concreto do Português¹. Esta abordagem abrange, sem dúvida, muitas situações de aprendentes tradicionalmente considerados como alunos de PLE, com as indiscutíveis vantagens que uma mudança de perspetiva traz, como a autora aponta. Dada a história da emigração portuguesa (e de outros países onde a língua se fala, com diferentes estatutos), é natural que o conceito de Português Língua de Herança venha a ganhar importância nos próximos tempos.

Maria da Graça Pinto, da Universidade do Porto, problematiza, no capítulo 3, de forma sistemática, informações científicas sobre diferentes conceitos geralmente considerados afins ao de bilinguismo, relacionando-os com questões de cognição e sublinhando a importância da consciência metalinguística na aprendizagem de línguas. Este capítulo, intitulado “Bilinguismo e Cognição: Como Explicar os Desempenhos em Tarefas de Repetição de Dígitos e de Frases?” (pp. 47 a 68), esclarece vários conceitos geralmente considerados próximos, como o binómio língua e linguagem, ou a tríade bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo, apresentando ainda um caso concreto exemplificativo, cuja problematização tem,

¹ Note-se que foi por nós orientado, no âmbito do Mestrado em Português Língua segunda / Língua Estrangeira, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no ano letivo de 2011-2012, um relatório sobre o Português Língua de Herança, da autoria de Sofia Soares, intitulado *Português Língua de Herança: da Teoria à Prática*, tendo sido arguente Maria Helena Sá, da Universidade de Aveiro.

sem dúvida, implicações para o ensino eficaz de segundas línguas. Acresce que o capítulo termina com uma extensa bibliografia de grande utilidade para quem pretender obter mais informações sobre uma área de crucial relevância.

Cristina Martins, da Universidade de Coimbra, no capítulo 4 (“O *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PLE2 (PEAPL2/CELGA): Caracterização e Desenvolvimento de uma Infraestrutura de Investigação” (pp. 69-79), apresenta, explicitando as opções subjacentes e a metodologia de recolha, uma base de dados disponível *online* no sítio do CELGA (*Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2), que poderá ser de extrema utilidade para futuras pesquisas no âmbito da aquisição e aprendizagem do PLNLM.

No capítulo 5, ““Saberes Vulgares” de Africanos sobre a Língua Portuguesa: um Contributo para o Português Língua Não Materna” (pp. 81-91), Helena Ançã, da Universidade de Aveiro, partindo do referencial teórico da *Folk Linguistics*, ocupa-se das representações sociolinguísticas de falantes africanos residentes em Portugal, sobre o português e as suas línguas maternas, salientando a importância das crenças dos sujeitos para a aprendizagem do PLNLM, sobretudo no que concerne a dois aspetos: os discursos metalinguísticos e as dificuldades linguísticas autopercecionadas.

Na II Parte do volume, os textos debruçam-se sobre a formação de professores para a atual crescente diversidade linguística e cultural, chamando a atenção para a (quase) ausência da área, enquanto tal, nos cursos de formação inicial de professores. O comentário final é feito por Sílvia Pfeifer, do Instituto Camões, que chama a atenção para a importância de práticas contextualizadas de formação e de se fazer o diagnóstico das representações dos professores sobre a política linguística que estão a disseminar. A autora advoga a transversalidade e a transferibilidade dos saberes na formação de professores de línguas, que deveria ser orientada para o plurilinguismo.

No capítulo 6, traduzido do espanhol, “Formação de Professores”, de Antonio Bolívar e Rosel Bolívar Ruano (pp. 99-110), faz-se uma introdução genérica à questão da formação quer inicial quer contínua de professores e à importância da sua qualidade para a melhoria dos sistemas educativos. Sublinham os autores a necessidade da formação contínua, dado ser impossível que a inicial capacite os docentes para a multiplicidade de desafios de toda a vida profissional. Na formação contínua, privilegiam os contextos cooperativos nas próprias escolas onde os professores lecionam.

O capítulo 7, da autoria de Joana Duarte, Maria Alfredo Moreira e Cristina Flores, intitulado “Bilinguismo e Educação: um Novo Currículo para a Formação de Professores” (pp. 111 a 128), centra-se no projeto europeu EUCIM-TE, que consiste em pensar no ensino de línguas relacionado-o com as restantes disciplinas do currículo do aluno, mormente com as competências necessárias para obter sucesso nessas disciplinas, por exemplo, o domínio da linguagem académica. Como a comentadora final refere (cf. p. 192), o projeto apresentado mostra “a necessidade de tornar a educação linguística, nomeadamente em

contextos migratórios, como um assunto que interessa à escola como um todo e não apenas aos professores de línguas (maternas, segundas ou estrangeiras)". As autoras procuram apresentar, na parte final do capítulo, uma eventual adaptação do projeto do Currículo Europeu à situação concreta de Portugal.

Também o capítulo 11, "Desafios para a Formação de Professores do Ponto de Vista da Diversidade Linguística", da autoria de Charles Berg (Universidade do Luxemburgo), aqui em tradução, se ocupa das vantagens do mesmo projeto europeu, partindo da constatação de que a Europa carece de professores com competências para tratarem devidamente a diversidade linguística dos alunos, tendo de facto escolas multilingues, mas com um perfil monolíngue, realidade que se mostra inadequada.

Quanto ao texto de Dulce Pereira, Pedro Martins e Vanessa Antunes, que constitui o capítulo 8 da obra e se intitula "Educação Bilingue e Aprendizagem do Português em Contexto Multilíngue", que ocupa as páginas 129 a 143 do livro, relata, problematizando-a, uma experiência de ensino bilingue português/cabo-verdiano, o projeto *Turma Bilingue*, numa escola do 1º ciclo do Ensino Básico, mostrando as vantagens linguísticas e interculturais da experiência, para a aprendizagem e a formação não só das crianças que têm o cabo-verdiano como língua materna, mas também para as de língua materna portuguesa. Uma maior capacidade de abstração e de consciência linguística explícita estão na base do sucesso da experiência e decorrem das opções feitas pelos responsáveis do projeto.

O capítulo 9, "Didática do Português Língua Não Materna – Língua Segunda / Língua Estrangeira: entre a generalização e a especificação" (pp. 145-154), da autoria de José António Brandão Carvalho, problematiza, a partir de 8 casos concretos e paradigmáticos de alunos de posgraduação, o caráter heterogéneo e multifacetado da Didática do PLN, quer quanto aos públicos, quer quanto aos contextos "em que o aluno/professor em formação atua ou irá atuar" (p.147), quer quanto aos interesses de investigação. O autor, docente na Universidade do Minho, passa em revista a diferente legislação portuguesa recente de enquadramento do ensino do PLN, terminado o capítulo por afirmar, a nosso ver com razão, que o ensino de uma língua implica, hoje, fazer do aprendente "o agente da construção dos seus próprios saberes e competências (p. 153).

No capítulo 10 (pp.155-172), "A Formação de Professores de Língua Não Materna na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Questões Interculturais e Ensino Inclusivo do Português Língua Segunda", retomando muito do que foi sendo escrito sobre interculturalidade e ensino inclusivo, Rosa Bizarro e Fátima Braga, partindo da experiência da formação de professores de PLN na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e constatando os limites que a legislação sobre formação inicial impõe à preparação completa e eficaz dos futuros docentes, nesta área específica, propõem um "Mestrado em Questões Interculturais e Ensino Inclusivo do Português Língua Segunda". Esta proposta, muito minuciosa e particularizada, decorre da problematização das noções de Escola inclusiva e de educação intercultural e baseia-se nos textos orientadores europeus, prevendo já

as eventuais Unidades Curriculares do Curso e respetiva descrição, no sentido de configurarem um todo coerente.

Paulo Feytor-Pinto, no último e décimo segundo capítulo do livro, intitulado “Contributos para um Modelo de Formação de Professores de Português Língua Não Materna” (pp. 183-187), colocando-se na perspetiva do ensino do PLNM nas nossas escolas, sugere uma abordagem contrastiva do Português e das outras línguas conhecidas pelo aprendente, sublinhando a relevância das práticas interculturais para o desenvolvimento de uma consciência plurilinguística. Propõe também a colaboração de todos os docentes (os que não ensinam Português incluídos) para a “aprendizagem trasnversal do registo escolar ou académico da língua” (p. 186), assim se juntando aos autores dos capítulos 7 e 11.

Um dos pontos fortes desta obra é, justamente, e como fica dito no final do parágrafo anterior, que várias vezes os diferentes pontos de vista, vindos de autores e áreas diversas, se cruzam, repetem, aproximam, corrigem, complementam e divergem, mostrando a complexidade do ensino do PLNM, mas também o fascínio deste campo de investigação e intervenção tão prometedora, dada a pujança da língua portuguesa no mundo.

Em conclusão: pela riqueza e variedade das abordagens contidas no livro, pela atualidade e multiplicidade de propostas e modos de abordagem, a sua leitura passa a ser referência obrigatória para os que se ocupam do ensino do PLNM.

Recebido em maio de 2013 ; aceite em junho de 2013.

